

---

## **ALGODÃO: SUBSÍDIOS AMERICANOS CRIAM EXCESSO DE PRODUÇÃO QUE PREJUDICA OUTROS PAÍSES**

---

Roger Thurow e Scott Kilman<sup>1</sup>

No passado, os subsídios agrícolas foram criticados por aumentar as distâncias entre países ricos e pobres. Depois de 11 de Setembro, tais subsídios tem produzido igualmente acentuada controvérsia: eles atuam diretamente contra o esforço americano de combate à pobreza global como parte de ampla campanha contra o terrorismo.

Receosos de que a miséria no mundo em desenvolvimento pode constituir a base para a instabilidade e o terrorismo, o governo americano está pensando em promover ajuda ao desenvolvimento e abertura do mercado. Porém, esta estratégia está prejudicada pelos subsídios aos agricultores americanos, os quais ajudam a deprimir os preços globais de alguns produtos vitais que os países em desenvolvimento produzem.

Como resultado, a população de Mali que deveria estar aliviada com a ofensiva americana antipobreza está se tornando mais alienada e zangada. Mali é um país predominantemente muçulmano, tem sido em grande parte pacífico desde o **11 de setembro**, porém, frustrações vem sendo observadas. Enquanto isso, um novo Plano Agrícola, rico em subsídios, é aprovado, significando que muitos cotonicultores americanos receberão do governo, este ano, metade de suas rendas.

“Nossa retórica não alcança o nosso comportamento”, diz Allan Gray, um Economista Agrícola da Uni-

versidade de Purdue. “Isto vai mostrar que quando a pressão vem de fora, a política doméstica americana sempre supera a política externa”. Enquanto os subsídios protegem os agricultores na América e em diversos outros países, da queda dos preços mundiais, eles geralmente deprimem ainda mais os preços, encorajando a produção continuada, e assim, enfraquecem os produtores nos países menos subsidiados.

A América é o maior exportador mundial de algodão, e o Oeste Africano é o terceiro, estando ambos sujeitos às forças do mercado as quais haviam cortado os preços em 66% desde 1995 para 40 centavos de dólar/libra (1 libra corresponde a 0,453 kg). O mercado mundial de algodão, está estagnado desde que a indústria têxtil russa, grande consumidora de fibras, entrou em colapso nos anos de 1990. Ainda mais, está competindo de forma crescente, com o polyester, o qual está se tornando mais popular em algumas partes do mundo.

Armados com US\$ 3.4 bilhões em subsídios diretos, os fazendeiros americanos colheram no ano passado a produção recorde de 4.42 milhões de toneladas de algodão, agravando a gordura americana e empurrando, na maioria dos produtores no mundo, os preços para baixo do ponto de equilíbrio receita-despesa. Este ano, os cotonicultores americanos estão na expectativa de embolsar ainda mais, graças ao Plano Agrícola de US\$118 bilhões para seis anos, assinado pelo Presidente Bush, em Maio. O Programa de governo assegura aos fazendeiros, dinheiro federal de cerca de 70 centavos de dólar por libra de algodão, para complementação em caso de possível crise de mercado. Diferentemente dos vários Planos Agrícolas do passado, este úl-

---

<sup>1</sup> Editoriais do Wall Street Journal.

---

timo não requer do agricultor, para qualificar-se à ajuda, que parte de suas terras fique em descanso.

Em contraste, o governo de Mali, encontra-se pressionado por seu povo, para oferecer os mais básicos serviços de saúde e educação à nação, uma das dez menos desenvolvidas do mundo, a qual não pode oferecer subsídios de forma alguma.

De acordo com o Banco Mundial e o FMI, o Algodão pode se constituir em uma peça chave para a redução da pobreza de Mali e dos países vizinhos. No Centro e Oeste da África, a cultura do algodão emprega mais de dois milhões de famílias. O algodão africano é colhido a mão e é tão bom quanto o algodão americano. O relatório estima que a remoção dos subsídios americanos - que corresponde a mais de US\$5 bilhões/ano de subsídios em todo o mundo – produziria uma queda na produção americana e levaria ao rápido crescimento dos preços internacionais de algodão. Como consequência, a renda dos países do Oeste e do Centro da África seria aumentada em cerca de US\$250 milhões. Esta é uma soma grandiosa para a região onde um vasto número de pessoas vive com menos de um dólar/dia. Em vez disso, o inverso está acontecendo. Os subsídios aumentam nos Estados Unidos e em Mali, o governo está informando aos agricultores que este ano receberão 10% menos da Companhia Estatal de Algodão.

Ao alargar a diferença de riqueza, os subsídios semeiam uma colheita potencialmente amarga. Cidadãos dos países produtores de algodão do Oeste e do Centro da África, onde o Islamismo é a principal religião, estão superpovoando as cidades Européias. Por enquanto o perigo não é iminente. Os governos seculares de Mali alertam que as frustrações estão crescendo com a persistência da pobreza. Dois anos atrás, a última vez que o governo de Mali reduziu os preços pagos aos agricultores, eles boicotaram seus campos, fazendo cair a produção, e o choque fez cambalear toda a economia, causando 3% de declínio no produto interno bruto. No meio do caminho, durante o período do plantio agrícola, o governo, temendo instabilidade, retornou o preço ao nível do ano anterior. Mr. Diallo, líder da União Sindical dos produtores que ajudou a organizar o boicote do plantio não considerou a possibilidade de diminuir a revolta social no futuro. “Os americanos sabem que os seus subsídios estão matando muitas economias no mundo em desenvolvimento”.

No Delta do Mississippi, existe pouca concordância para tais argumentos. Os agricultores americanos

não querem a competição adicional dos cotonicultores africanos. Com a indústria têxtil americana encolhendo, eles estão vendendo cada vez mais as suas produções para compradores do exterior. Cerca da metade da produção americana de algodão está sendo vendida para o mercado externo, onde ela compete com o algodão cultivado por produtores de baixo custo de produção da China, Paquistão e África. O Sr. Hood, cotonicultor do Delta do Mississippi e defensor da classe, diz que “o Delta necessita dos cotonicultores os quais não podem subsistir sem os subsídios.”

A razão dessa dependência de subsídios é que os agricultores são os produtores com maiores custos de produção no mundo, podendo o Delta chegar a US\$600.00/acre(1 acre corresponde a 0,4 ha). Poderiam cultivar milho, soja e trigo muito mais barato, porém, dizem que grande parte dos investimentos seriam perdidos.

Os fazendeiros americanos não tem sido sempre assim dependentes de subsídios. Porém, os agricultores, de repente, se enervaram quando a crise econômica Asiática reduziu o rápido incremento de exportação. Washington atuou rapidamente criando elevados níveis de ajuda financeira. O novo Plano Agrícola, em relação ao passado, traz o País de volta para um longo período de agressividade em subsídio agrícola, e com pouquíssimas restrições de plantio aos agricultores. Como resultado, tais produções pesadamente subsidiadas, provavelmente manterão os preços da commodity deprimidos mesmo com o crescimento da economia mundial.

O Congresso, não a Casa Branca, é quem prepara a política agrícola americana. Os dois mais poderosos membros do Comitê de Agricultura da Casa são do Texas, quinto estado maior produtor de algodão. Cinco Senadores de outros estados produtores de algodão, inclusive do Mississippi, fazem parte de outras Câmaras do Comitê de Agricultura. Sugestões de redução dos subsídios agrícolas americanos para ajudar à África são quase sempre desconsiderados, usando o argumento dos prejuízos que adviriam para a economia e da perda de empregos na região do Delta com a adoção da medida.

Em Korokoro, como no Delta do Mississippi, o Algodão também é considerado “Rei”, porém os agricultores do primeiro tem uma vida paupérrima. Entrevistou-se um clã de duas famílias, localizado fora da cidade de Fana, que opera um dos maiores cultivos de algodão de Mali- 50 acres. O clã é formado de 86 pessoas, a maioria de parentes, os quais vivem em um espaço superpovoa-

---

do, com cabanas de adobe de um ou dois quartos. Embora em 2001 tenham produzido 40 toneladas métricas de algodão, eles não apresentam qualquer sinal de opulência. Não dispõem de serviços básicos como eletricidade, água encanada e telefone. A TV da casa está conectada em uma bateria de carro. Enquanto a maioria das crianças atualmente freqüente a escola, poucos adultos tiveram essa oportunidade. O clã possui dois tratores, apenas utilizados no preparo da terra. Tudo é feito a mão: plantio, adubação e colheita.

O objetivo deste ano é comprar novos equipamentos e implementos agrícolas, inclusive para a colheita, mas a perspectiva é sombria dado a queda de preço do produto. No ano passado, os cotonicultores de Mali receberam 13 centavos do dólar/libra de algodão, depois de deduzido as despesas. Este ano, receberão apenas 11 centavos/libra devido ao aumento no preço dos fertilizantes. Em Mali, tudo é pago, desde a escola e a pílula contra malária, até o pagamento dos dotes às famílias das futuras esposas.

Perguntado sobre o que faz quando não pode pagar todas as despesas, o Sr. Coulibaly, 59, um dos mais velhos da família (com um inchaço de bócio no pescoço), respondeu: “Para nós, todos os agricultores, dos Estados Unidos e de Mali, são membros de uma mesma família. Portanto, nós não devemos permitir que um mesmo grupo de irmãos tenham todos os lucros enquanto os outros não ganhem nada.”

O dinheiro também é muito escasso para a Cia. de Desenvolvimento dos Textéis de Mali (CMDT), estatal do algodão, encarregada de todo o setor produtivo, desde o fornecimento da semente até o descaroçamento do algodão. De uma população de 11 milhões de habitantes, o algodão é responsável pelo sustento de 3 milhões de pessoas que dependem do produto no país.

Em 2001, os agricultores de Mali cultivaram mais de 250 mil toneladas de algodão em quase 1.3 milhões de acres. Foi uma produção recorde, mas, devido aos baixos preços no mercado externo, inferior ao custo de produção, a CMDT sofreu elevadas perdas. Este défi-

cit na CMDT, fez restringir os gastos em outros programas, como a construção de estradas e a melhoria da infra-estrutura nas regiões de produção de algodão, exercendo forte pressão sobre o magro orçamento do governo de Mali, que detém 60% da CMDT.

Agora, sob o estímulo do BIRD e do FMI, a organização está tentando uma reestruturação para depender mais do setor privado, a fim de repassar mais dinheiro para os agricultores.

Os Malianos questionam se estas reformas terão algum resultado sem mudanças na política de subsídios de algodão. “Seria melhor [para os EUA] pagar aos seus agricultores para não plantar algodão, disse o Presidente da CMDT”. Nós vemos os agricultores Americanos como nossos competidores, mas o problema é que não é uma competição justa.

Em Korokoro, Madou Sangare, 39, explica o sonho precioso da família Sangare, de utilizar a renda do algodão para mandar o irmão mais jovem, Bala, para estudar na França, ou nos Estados Unidos – em algum lugar- onde haja melhores empregos e perspectivas do que Mali. A esperança é que o irmão jovem envie dinheiro para os outros irmãos que ficam na fazenda, aliviando assim a dependência do preço de algodão. Agora, que o Bala está terminando o segundo grau, a receita do algodão está encolhendo, e o sonho está desvanecendo.

“Nós queremos que ele e todas as nossas crianças tenham uma vida melhor que as nossas”, disse Madou Sangare. Além do algodão, isto é uma coisa em que ele acredita, e que tem em comum com os agricultores americanos. “Não é isto o que todo o mundo deseja?” ele pergunta.

Tradução de  
José Carlos Nascimento

Assessor da SARC/MAPA  
Email:jnascimento@agricultura.gov.br

---

DIAGRAMADA E IMPRESSA NAS OFICINAS DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO